

# Revista PROJETAR – Projeto e Percepção do Ambiente

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Reitor: José Daniel Diniz Melo

Pró-Reitora de Pesquisa: Sibele Berenice Castellã Pergher

Pró-Reitor de Pós-graduação: Rubens Maribondo do Nascimento

Centro de Tecnologia - Diretora: Carla Wilza Souza de Paula Maitelli

Grupo de Pesquisa PROJETAR - Coordenadora: Maisa Veloso

## Conselho Editorial e Científico

Maisa Veloso, *Editora-chefe* – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Gleice Azambuja Elali, *Editora-adjunta* – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

## Membros:

Angélica Benatti Alvim – Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo, Brasil)

Cristiane Rose de Siqueira Duarte – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Edson da Cunha Mahfuz – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil)

Fernando Lara – University of Texas at Austin (Austin, Estados Unidos)

Flávio Carsalade – Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)

Hugo Farias - Universidade de Lisboa (Lisboa, Portugal)

Jorge Cruz Pinto – Universidade de Lisboa (Lisboa, Portugal)

Luiz do Eirado Amorim – Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Lucas Peries – Universidade Nacional de Córdoba (Argentina)

Márcio Cotrim Cunha – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Naia Alban – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Nivaldo V Andrade Junior – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Paulo Afonso Rheingantz – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Ruth Verde Zein – Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo, Brasil)

## Pareceristas *ad hoc* desta edição

Alexandre Toledo – Universidade Federal de Alagoas (Maceió, Brasil)

Ana Mourão – Universidade Federal do Piauí (Teresina, Brasil)

Ana Rosa Moreira – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Andres Passaro – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Bianca Vasconcelos – Universidade de Pernambuco (Recife, Brasil)

Camila Resende – Universidade Federal do Semiárido (Paus dos Ferros, Brasil)

Carla F. B. Teixeira – Universidade Federal de Sergipe (Aracaju, Brasil)

Clara Ovídio Rodrigues – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Claudia Krause – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Cristiane Souza Gonçalves – Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)

Cristina Angel Alvares – Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, Brasil)

Daniel Andrade – Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa, Brasil)

Dirceu Piccinato Jr – Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil)

Edja Trigueiro – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Emanuel Cavalcanti – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Evandra Victório – Universidade de Campinas (Campinas, Brasil)

Felipe Melachos (Unicamp) – Universidade de Campinas (Campinas, Brasil)

Gisela Barcellos De Souza – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Giselle Arteiro – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Giselle Cerise Gerson – Universidade Federal do Semiárido (Pau dos Ferros, Brasil)

Laura Bezerra Martins – Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Lúcia Costa – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Luciana de Medeiros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Luiz Boscardin – Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo, Brasil)

Mariana Bonates – Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa, Brasil)

Nivaldo Andrade – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Raphael Grazziano – Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, Brasil)

Renato De Medeiros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Sergio Tomasini – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil)

Tales Lobosco – Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)

Valério Medeiros – Universidade de Brasília (Brasília, Brasil)

Verner Monteiro – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

**Projeto gráfico, capa e contracapa dessa edição:** Luan Costa de Macêdo e Verner Monteiro

Imagem das capas: Composição própria a partir de mapa do Estado do Rio Grande do Sul com indicação das áreas inundadas.

Fonte da imagem de base: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/03/rio-guaiba-rio-grande-do-sul.htm>>

ISSN: 2448-296X Periodicidade: Quadrimestral Idioma: Português

\* O conteúdo dos artigos e as imagens neles publicadas são de responsabilidade dos autores.

Endereços: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar>

Centro de Tecnologia, Campus Central da UFRN. CEP: 59072-970. Natal/RN. Brasil.



REVISTA  
**PROJETAR**

Projeto e Percepção do Ambiente  
v.9, n.2, maio de 2024

# EDITORIAL

Publicamos o número 26 da Revista *PROJETAR – Projeto e Percepção do Ambiente* (v.9, n.2,) sob o impacto da tragédia humano-ambiental que atinge o Rio Grande do Sul, e que está intrinsecamente ligada à emergência climática planetária. De fato, a intensificação do atual desequilíbrio climático tende a aumentar a frequência e gravidade de catástrofes deste tipo, conforme denunciam ativistas como Dominika Lasota, Greta Thunberg, Vanessa Nakate e Txai Suruí, dentre outras, e tem sido enfatizado em eventos como a COP<sup>1</sup>, na qual líderes mundiais se reúnem para dialogar sobre questões relacionadas ao clima e para tentar entrar em consenso sobre ações comuns.

Atualmente calor, frio, ventos e chuva excessivos, inundações, deslizamentos de terra, secas, incêndios e incontáveis eventos extremos são parte da pauta cotidiana do planeta, gerando certa naturalização que nos ‘insensibiliza’ diante de relatos que se sucedem com frequência. Porém, quando tais situações nos atingem diretamente ou se aproximam de nós, fica evidente a dificuldade de lidar com elas, sobretudo quando notamos o quanto alguns dos efeitos observados poderiam/deveriam ter sido evitados ou amenizados. Nesse sentido, para viabilizar momentos menos sombrios e sofridos é fundamental que o planejamento e a gestão das cidades e do território priorizem questões sociais e ambientais, e se atualizem (continuamente) diante das novas demandas do meio. É cada vez mais urgente investir em prevenção, uma opção que exige escolhas comprometidas com as causas humano-ambientais em detrimento dos interesses de alguns grupos econômicos, que clama pela delimitação de metas voltadas para o bem-estar das pessoas e a conservação do lugar em que vivemos, e que ressalta a importância de promover atividades regenerativas e geradoras de resiliência.

Sob essa perspectiva, o atual desastre gaúcho assusta e comove a nós todos, mas também gera indignação, devido à magnitude da área atingida, à quantidade de pessoas afetadas e ao fato de acontecer apenas alguns meses após a região ter enfrentado fenômeno semelhante, embora de menores proporções. Por outro lado, a crise também chama a atenção para a força de resistência das comunidades atingidas e para a atitude solidária das pessoas, que construíram uma grande rede colaborativa, num esforço coletivo que une o país, reduz diferenças, inspira novas ações e mostra que enfrentar nossas vulnerabilidades pode se tornar um importante vetor de transformação social.

Integrando-se a este esforço, cabe à comunidade científica entender as inúmeras facetas desta realidade, analisar criticamente suas causas e consequências e apontar modos para enfrentar os impasses que deles emergem. Impossível não reconhecer o envolvimento da Arquitetura e do Urbanismo tanto no surgimento e consolidação da atual conjuntura, quanto na proposta de alternativas para sua superação (imediata e/ou a médio e longo prazos). Impossível não atentar para a necessidade de revermos o modo de planejar nossas cidades e de projetar nossas edificações e espaços comuns, levando em consideração o modo como se relacionam com as águas: como convivem com elas, as incorporam em suas atividades e as respeitam em seus movimentos naturais.

Diante deste panorama, e assumindo nosso papel de agente de divulgação científica e de fomento ao pensamento crítico, nessa 26ª edição, a Revista PROJETAR reúne dezesseis (16) artigos, vinculados às sessões CRÍTICA, ENSAIO, ENSINO, TEORIA E CONCEITO, PESQUISA e PRÁXIS.

A seção **CRÍTICA**, que abre a edição, traz o artigo escrito por Ricardo Paiva e Beatriz Diógenes, intitulado **A contribuição de Marrocos Aragão à Arquitetura moderna em Fortaleza**. O texto apresenta a trajetória do arquiteto no contexto cearense e analisa seus principais projetos, como o Terminal Rodoviário Engenheiro João Tomé, em Fortaleza.

Na sessão **ENSAIO**, encontra-se o texto *Espaços como lugares da cidade*, de Adilson Macedo, que trata da geração de ideias e das questões relativas à formulação de projetos urbanos a partir da iniciativa de cidadãos comuns, de profissionais do ramo imobiliário e de representantes de entidades oficiais.

Na sessão **ENSINO**, Carolina Miranda e Souza e Flávio Carsalade apresentam o artigo intitulado *Relações entre aprendizado de projeto, tectônica e tecnologias: uma revisão*. Como o título indica, trata-se de uma revisão da literatura/publicações científicas acerca do tema da “relação entre o desenvolvimento de habilidades em projeto e os conhecimentos sobre tectônica e tecnologia da construção”.

A Sessão **TEORIA E CONCEITO** contém o artigo *Do desenho sustentável ao edifício hospitalar biofílico*, de Joelmir Marques da Silva e Karoline Lima do Nascimento. Nele os autores fazem uma reflexão acerca dos “edifícios hospitalares biofílicos e sua contribuição para o bioclimatismo e sustentabilidade urbana”, destacando as obras do arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, na Rede Sarah.

Na sessão **PESQUISA**, as questões socioambientais, a interdisciplinaridade e o uso de multimétodos direcionam esta edição, que é composta por nove (9) artigos: os sete (7) primeiros unidos pela valorização da percepção das pessoas (usuários/frequentes) e os dois (2) últimos com o predomínio de aspectos técnico/tecnológicos.

No texto *Crianças e pátios escolares: significados, valores e afetividades*, Néborá Modler, Rodrigo Carvalho e Paulo Afonso Rheingantz se fundamentaram na teoria sociocultural-histórica do desenvolvimento (perspectiva vygotskyana) para analisar práticas de Educação Infantil em uma escola municipal de Ensino Fundamental do Rio Grande do Sul. Os dados, coletados por meio de observação participante e jogo da memória, permitiram discutir o pátio escolar ao ar livre como local para interação das crianças pequenas com os elementos da natureza. Em seguida, Bettieli Barboza da Silveira e Daniela Schneider se aproximaram da Ciência da Prevenção para averiguar *Relação pessoa-ambiente no sistema de prevenção Communities That Care* em um distrito de Florianópolis. Abalizada por um sistema que é modelo internacional sobre intervenções multiníveis baseadas em evidência, a pesquisa envolveu caminhada pelo local, vestígios ambientais e entrevistas semiestruturadas, que fizeram surgir duas categorias de análise: afeto/interações e lugar/pertença. Por sua vez, em *Hospital Universitário João de Barros Barreto: investigando as dimensões material e temporal no pós pandemia*, Cybelle Miranda e Paloma Moreira optaram pela teoria da Salutogênese para avaliar aspectos físicos da edificação, considerando as relações dos usuários com aquele local. Abrangendo pesquisas bibliográfica e documental, incursões a campo, observação empírica, registros fotográficos, diálogo com usuários e redesenho de plantas arquitetônicas, a investigação evidenciou detalhes da materialidade do HJBB que dão identidade para a instituição e contribuem para o senso de coerência de seus usuários, o que os torna alvo de preservação.

Na continuidade, Gabriela Silva analisa a *Segurança no Parque Olímpico do Rio de Janeiro e seus usos no período pós-jogos*, para o que valoriza a percepção de diferentes grupos de pessoas, coletada por meio de abordagem quali-quantitativa. A coleta de dados abrangeu questionários com usuários do parque e moradores do entorno, e entrevistas estruturadas que, além dos grupos anteriores, envolveram funcionários dos equipamentos esportivos e estudantes de colégio ali localizado. Os resultados revelam que a percepção de segurança é sustentada por desconhecimento de assaltos e presença de cercamento, e nas grandes áreas abertas, é preciso maior supervisão de guardas e mais equipamentos/atividades atratores de uso. Ainda com relação às áreas livres urbanas, Henrique Corsi e Eunice Abascal nos trazem *Parques urbanos e indicadores de sustentabilidade: Parque da Aclimação (SP)*, cuja metodologia se pauta em um conjunto de dez categorias de indicadores derivados de vários campos do conhecimento, os quais possibilitam a compreensão da contribuição deste tipo de empreendimento para a sustentabilidade e o incremento da qualidade de vida nas cidades. Em outro trabalho nesse campo, Fernando Calvetti, Lilian Santos, Sofia Silva e João Vitor Pilati fizeram uma revisão bibliográfica sobre modelos configuracionais e sintaxe, que alicerçou sua investigação sobre a *Entropia na configuração urbana da área industrial de Lages/SC*, visando analisar uma malha urbana que originalmente acomodou grandes fábricas e indústrias, e mostrar que uma organização muito hierarquizada pode prejudicar a heterogeneidade de usos e gerar segregação de oportunidades e de serviços urbanos. Na sequência, o artigo *Os impactos nas atividades de geração de renda em Habitação Social: um estudo de caso em Uberlândia* focaliza a vida cotidiana e as demandas dos moradores de dois conjuntos populares enquadrados na Faixa 1 do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Nele, Bruna Martins e Simone Villa apresentam os resultados parciais de investigação baseada no *Design Science Research*, e que utilizou observação, Avaliação Pós-Ocupação (APO) e análise comparativa para comprovar a baixa resiliência do ambiente construído.



Completando a sessão PESQUISA, encontram-se dois trabalhos com enfoque técnico/tecnológico. Inicialmente, Leopoldo Bastos e Aline Marques comentam **Retrofit em edificação: decomposição BIM e análise ambiental por multicritério**, no qual relatam uma experiência que aplica estratégias de tomada de decisão comprometidas com o desempenho ambiental (em especial análise térmica), e salientam a parametrização e a modelagem tridimensional como favoráveis ao desenvolvimento do projeto arquitetônico de edificações sustentáveis. No último texto da seção, **Pré-fabricação: o conceito, sua utilização e alguns desacordos na produção científica brasileira**, Maurício Lage e Clécio Vale problematizam vários entendimentos do termo, destacando os pontos conflitantes em meio à produção analisada e a necessidade de ampliar a clareza do conceito a fim de potencializar seu papel, tanto como procedimento construtivo quanto para fomentar novas práticas.

Finalizando essa edição, temos a sessão **PRAXIS** que reúne três (3) artigos. No primeiro deles, intitulado **Três conceitos, uma aplicação e algumas lições: o caso da arquitetura tradicional balinesa**, Rubenilson Teixeira, Jéssica Bezerra e Luísa Lima refletem sobre aquela arquitetura a partir dos conceitos de “arquitetura vernacular”, “culturas construtivas” e “inteligências construtivas”, procurando “apreender qual a influência dos saberes vernaculares na produção arquitetônica contemporânea daquele país”. O segundo artigo - **Juhani Pallasmaa e o ato de projetar para os sentidos: ensaio de uma intervenção paisagística na praia do Pontal, em Florianópolis (SC)** – foi escrito por Leonardo Brito, Matheus Rigon, Paula Polli e Maristela Almeida. O trabalho investiga estratégias projetuais pautadas na perspectiva do arquiteto finlandês, adotando “uma abordagem fenomenológica fundamentada na investigação de características sensoriais do lugar como base para uma intervenção paisagística representada pelo projeto arquitetônico de uma passarela de conexão entre áreas da praia do Pontal”, Santa Catarina. O terceiro texto da seção, e último desta edição, intitula-se **Envolver, valorizar, conscientizar, reutilizar: um ecomuseu da água para Natal – RN**, e foi escrito por Fabrinny Neves e Solange Goulart. As autoras apresentam a proposta de um Ecomuseu da Água para a capital norterriograndense, “buscando responder de que forma um museu comunitário pode contribuir para a sensibilização da problemática da água e, ainda, como a economia desse recurso pode ser inserida nas soluções construtivas adotadas”. Essa temática nos faz regressar ao início deste texto.

Encerrando esse editorial, queremos nos solidarizar com os amigos e colegas gaúchos a partir da visão, ao mesmo tempo assertiva e otimista, de Txai Suruí, jovem ativista indígena brasileira, em sua fala na abertura da COP26:

O futuro é agora (...) A Terra está falando, não temos mais tempo. (...) Acabemos com a poluição das palavras ocas e lutemos por um presente e um futuro que possam ser vividos. É sempre necessário acreditar que o sonho é possível. Que a nossa utopia seja um futuro na Terra.<sup>2</sup>

Ao (re)pensar as cidades e os edifícios, e ao *projetar com a natureza e com as pessoas*, a Arquitetura e o Urbanismo têm muito a contribuir para que esse futuro se torne mais amistoso, seguro e promissor. Esperamos que o contato com os artigos que hoje publicamos possa inspirar o surgimento de investigações e intervenções que nos ajudem a construí-lo.

Estamos todos com vocês, Rio Grande do Sul!

Natal, maio de 2024.

Maísa Veloso – Editora-chefe

Gleice Azambuja Elali – Editora-adjunta

## NOTAS

<sup>1</sup> COP - Conference of the Parties (Conferência das Partes) - convenção anual criada pela ONU em 1994, atualmente em sua vigésima oitava edição (de Berlim/1996 a Dubai/2023), cujo objetivo é debater a mudança climática, buscar modos de reduzir os processos de degradação promovido por ela e reduzir intervenções humanas consideradas ameaçadoras à humanidade e ao planeta. (<https://brasil.un.org/pt-br/205789-cop27-o-que-voc%C3%AA-precisa-saber-sobre-confer%C3%AAncia-do-clima-da-onu>).

<sup>2</sup> Discurso disponível na íntegra em <https://www.youtube.com/watch?v=qoOSJ8nwE1Q>, Acesso em maio2024.

